

poesia postal

//

03



poesia postal



03

Poemas de Alberto Pereira, António Musa, Artur Barosa, Carla Rua, Catarina Sottomayor, J. A. Nunes Carneiro, Luísa Costa Macedo, Margarida Neves, Margarida Oliveira, Margot, Maria Frazão, Maria Joana Almeida, Miguel Reis, Rita Tormenta, Rui Miguel Rocha inspirados num desenho de Marta Nunes. Novembro de 2024

“Moribundos”

Moribundos
numa claridade tangencial
fotografamos
como hediondo
o caos
sem que a sua matriz redentora
se possa pronunciar

A dimensão oculta
só é complacente
com o que sabe pressentir
o insigne no vazio

A resiliência:
erguer no tumulto
uma assoalhada boreal

ALBERTO PEREIRA

«Não estou dentro da cabeça»

Não estou dentro da cabeça
daquele homem que ali vai

Mas nada me diz para não ter esperança

ANTÓNIO MUSA

«não consigo ler sem cegar»

não consigo ler sem cegar
disseste
e a ameaça da água
toda a ameaça de inundar o teu chão
não se cumpriu
antes ficou a sombra o sol coberto
e não podes cegar sem luz
disse
e não consegues ver
sem sombra
os passos que damos olhos no chão
no nosso chão na nossa cabeça curvada
são passos cobertos de quem não lê
e sem ler cega.

ARTUR BAROSA

CANDEIA QUE VAI ADIANTE

O conhecimento é um país estrangeiro

Distante

E na lonjura percorrida

Entre a luz e as sombras

Demora-se a busca do Eu

Arrasta-se a dúvida

Envolta em solidão

Percorre-se a distância

Entre o nada e o tudo

Numa fração de segundo

Para depois pairar na certeza

Da incerteza

De quantos dias mais

A luz existe

Ainda que ténue

Difícil de alcançar

Ergue-te, amigo!

E desfaz a sombra que em ti se fez

Afaga o destino

Estende os braços

E alcança-me!

Porque eu sou Luz

Candeia que vai adiante

Ilumina a escuridão

E não te deixa cair

[primeira guerra]

de pernas trémulas ao sopro de norte
desconfia do holofote, lá longe
golpeado por sexo alheio, relembra
o horror da primeira guerra
onde grita
aparentemente louco
uivando imundo; excessivo
pois em
fardo lívido
paira sobre meio litro de morte
suspirando vinte e um gramas de vida.

CATARINA SOTTOMAYOR

A CAMINHO DO SOL

inventa outro caminho
e descobre em cada passo
o destino

não deixes que uma nuvem triste
te roube o sonho

J. A. NUNES CARNEIRO

«Teu caminho de hoje como de ontem»

Teu caminho de hoje como ontem
teus passos brilhavam

Teus passos de hoje dados como ontem
invisíveis caminharam

Tua luz de amanhã
passadas névoas

Tua Alma de novo
astro-rei imperioso.

LUÍSA COSTA MACEDO

ESPERAR-TE-EI DO OUTRO LADO

caminhas às cegas
num vazio infinito
que te tolda os sentidos

caíste
atirado à tua sorte
quem te acudirá

dois destinos estão desenhados
mas não sabes por onde andas
e a sombra negra rendilhada
que teima em te abrigar
como se teu deus fosse

foge
sai dessa estrada perdida
estás longe, muito longe
e o teu rasto foi apagado
estás às escuras
longe de mim
longe da luz
longe do sol

ÁPICE

quando abri os olhos
também os ásteres tinham morrido –
aqueles que plantámos no final do verão

sucedeu num ápice
e agora é inútil queimar a pena
neste vício de imaginar o mundo sem
a tristeza mastodôntica
da certeza do incerto

a terra nevrálgica
aguarda por sol e novas feiras de ásteres –
assim fosse fácil

replantar o homem

MARGARIDA NEVES

SOLIDÃO POR UM FIO

Da solidão se erguia
um manto ensarilhado
que a vida enegrecia
uma sombra vergada
por ele escorria,
qual vulto arrastado que
no seu encalço seguia
mas o sol, que o seu peito
de cinzas não aquecia,
afagou-lhe os ombros
sussurrando-lhe

toda a sombra tem uma luz,
doce, por companhia.

MARGARIDA OLIVEIRA

COMO UM SONHO SÓ DELA

ela vai começar a
desenhar
com um lápis macio
devagarinho
vai começar com uma
nuvem
uma nuvem deve
ser fácil
de desenhar
esperançosa
vai explodir em
paixão
uma maria intensa
com um sonho
só dela
com um lápis
que tu lhe deste
leve
tão leve
tão solto na mão

MARIA FRAZÃO

COMO QUEM RECUA NA MORTE

indolente

e de alma ao peito

atravessa a chuva

como quem recua na morte

retém

na garganta

um sufoco antigo

moribundo

(porém afoito)

que lhe marca o passo

na direção de Ícaro

MARIA JOANA ALMEIDA

«Uma luneta e um bigodaço»

Uma luneta e um bigodaço

- Eça a três quartos

Ainda assim a sombra

permanece

Terão os mortos sombra?

MIGUEL REIS

«Um homem que nada via»

Um homem que nada via
caminhava há vários dias, várias semanas, vários meses
sempre de olhos postos no chão
Incauto, entrou nuvem adentro
A nuvem, sentindo -se carregada, estremeceu, trovejou
e por fim choveu
Cuspido pela nuvem o homem ergueu os olhos
pela primeira vez.
Enlevado pela visão, retomou o caminho
agora de olhos postos no sol
O sol sentindo-se observado, cegou-o
O homem que nada via caminhou vários dias,
várias semanas, vários meses, sempre de olhar perdido.

RITA TORMENTA

«Se tivesse tronco e raízes a nuvem»

Se tivesse tronco e raízes a nuvem
o sol um sorriso
e a sombra fosse mais sombra

Ou melhor

Em vez de uma
duas sombras

O poema seria outro

Ou talvez nem chegasse a acontecer

RUI MIGUEL ROCHA

poesia postal

//

03

07.Novembro. 2024

www.martanunes.work

www.elefante-editores.net